



A religiosidade do morador de rua e o sentido de vida: o caso Marcelo

The religiosity of the homeless and the meaning of life: Marcelo's case

Aluizio Geraldo de Carvalho Guimarães
Jacqueline de Oliveira Moreira
Pontifícia Universidade de Minas Gerais
Brasil

Resumo

O presente artigo versa sobre temas marcantes na sociedade atual: o morador de rua, a religiosidade e o sentido de vida. Buscou-se caracterizar o fenômeno social da população de rua na atualidade e construir uma possível definição do mesmo. A partir da contribuição de diferentes autores, procurou-se também caracterizar a religiosidade e a influência da mesma sobre a realidade social e psicológica das pessoas. A partir do relato de trechos da vida de um morador de rua da cidade de Belo Horizonte a quem chamaremos de Marcelo, procurou-se mostrar como a busca de sentido se faz presente na vida nas ruas. Como resultado do presente estudo, pôde-se concluir que a religiosidade pode ser um auxílio importante na busca e na construção de um sentido de vida, além de ser uma forma de sustentação psicológica para pessoas que vivem nas ruas. Lançou-se mão da teoria de Viktor Frankl como forma de analisar esta temática.

Palavras-chave: morador de rua; sentido; religiosidade; fenomenologia

Abstract

This article discusses salient issues in contemporary society: the homeless, the religiosity and the meaning of life. Sought to characterize the social phenomenon of the homeless population at present and build a possible definition of it. From the contribution of different authors also sought to characterize the religiosity and its influence on the social and psychological reality of the people. From the report of the passages of the life of a homeless man from the city of Belo Horizonte whom we will call Marcelo, tried to show how the search for meaning is present in street life. As a result of this study, it was concluded that religiosity may be an important aid in search and building a meaning of life, beyond being a form of psychological support for homeless people. Viktor Frankl's theory was used as a way to examine this issue.

Keywords: homeless; meaning; religion; phenomenology

I. Introdução

I.I. Objetivo geral

O presente artigo (1) versa sobre a religiosidade e suas influências na subjetivação de pessoas que vivem na condição de moradores de rua, na cidade de Belo Horizonte. Seu objetivo maior é investigar como a vivência ou a experiência religiosa pode influenciar nos processos de construção de sentido de vida para essas pessoas.

I.II. O morador de rua: possíveis definições

Antes de avançarmos nesta proposta, torna-se necessário trazer esclarecimentos sobre o que se entende por morador de rua. Definir e analisar o que vem a ser o morador de rua não é tarefa simples. Araújo (2000) afirma que realizar estudos



sobre pessoas que moram nas ruas ou vivem das ruas é uma tarefa desafiadora e que em dois sentidos esse desafio se intensifica. O primeiro sentido colocado como dificultador é que a vida dessas pessoas não é nada simples como pode aparentar o jargão "população de rua", pois, para além desse jargão, escondem-se diversidades; relações complexas do ponto de vista interpessoal e do trabalho, diferentes perfis e diferentes redes de sociabilidade, diferentes trajetórias e histórias de vida e, enfim, complexidades sociais e culturais impossíveis de serem decifradas por conceitos simples e homogeneizadores.

O segundo sentido que para o autor dificulta o estudo de pessoas em situação de rua se dá no plano metodológico, já que é difícil pesquisar esse público porque ele é flutuante, temporário e nômade. "Em suma, não é fácil contar as pessoas, saber quem são e como pensam, entender suas redes de sociabilidade e suas formas de sobrevivência" (Araújo, 2000, p. 89).

Apesar desses diferentes atravessadores apontados que dificultam a definição de população de rua e morador de rua, encontramos em Vieira, Bezerra e Rosa (1994) um desenho que visa a uma definição:

Pessoas que vivem em situação de extrema instabilidade, na grande maioria de homens sós, sem lugar fixo de moradia, sem contato permanente com a família e sem trabalho regular; são demandatários de serviços básicos de higiene e abrigo; em que a falta de convivência com o grupo familiar e a precariedade de outras referências de apoio efetivo e social fazem com que esses indivíduos se encontrem, de certa maneira, impedidos de estabelecer projetos de vida e até de resgatar uma imagem positiva de si mesmos (p. 155).

Podemos afirmar que o fenômeno social ao qual se denominou pelo termo população de rua, é uma questão de grande relevância na sociedade atual. Inúmeros fatores como a desigualdade social e o aumento da pobreza, o desemprego, o uso de drogas e fatores psicológicos, entre outros, tem feito com que inúmeras pessoas deixem uma vida social estabilizada e passem a fazer das ruas sua morada. Em especial nos grandes centros urbanos esta é uma realidade que se acentua e cresce cada vez mais.

Neste estudo, de maneira específica, analisamos a vida de um morador de rua que vive na cidade de Belo Horizonte. Torna-se relevante assim, tecer algumas considerações sobre a situação desse público nesta cidade.

I.III. A população de rua em Belo Horizonte

Com relação à população de rua, o caso de Belo Horizonte não difere de outras cidades; há a presença de pessoas nas ruas e o último censo da população de rua realizado na cidade aponta também para o crescimento desse público. Pessoas que moram nas ruas de Belo Horizonte apontam que há fatos positivos de se viver nesta cidade, pois, se comparado a outras capitais, como Brasília e São Paulo, o custo de vida de Belo Horizonte é mais baixo. Alguns ressaltam também a hospitalidade do povo belo-horizontino; há locais e pessoas que fazem doações, serviços públicos que oferecem acolhimento e possibilidades da superação da situação de rua, entre outros.

De uma forma geral, segundo o 2º Censo da População de Rua e análise qualitativa da situação dessa população em Belo Horizonte (Ministério do desenvolvimento social e combate à fome, 2006), pode-se resumir o perfil da população de rua em Belo Horizonte da seguinte maneira:

No ano de 2005 havia 1.239 pessoas vivendo nas ruas de Belo Horizonte. Desse número encontrado, 991 pessoas eram homens adultos, isso representa 79,98% do



total. Isso mostra que a população de rua de Belo Horizonte é essencialmente masculina. De todo o público entrevistado, 39,04% estavam vivendo nas ruas há mais de cinco anos o que aponta para uma estagnação social na condição de rua. 41,2% são pessoas que nasceram em cidades do interior de Minas Gerais e migraram para a capital. Essa quantia é maior que o número de nascidos na cidade, que é de 32,6%; isso reafirma a questão do êxodo rural ainda presente nos dias atuais onde pessoas deixam uma realidade construída e migram para uma cidade maior em busca de melhores condições sociais e outras oportunidades de vida. Isso é atestado quando perguntado o motivo da vinda para a cidade de Belo Horizonte e 50,4% dos entrevistados disseram ter vindo à procura de trabalho. Os resultados mostram também que a população de rua é essencialmente jovem já que 55,60% estão na faixa de idade que varia de 18 a 45 anos. O maior percentual (12,43%) são de pessoas que estão na faixa de 25 a 30 anos. 46,8% do total dos entrevistados estudaram da 1ª a 4ª série completa. Esse baixo nível de escolaridade contribui decisivamente para a dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, como reflexo disso, 42,8% dos entrevistados vivem da cata de material reciclável. Dos entrevistados 43,65% afirmaram ter algum problema de saúde, sendo que 11,81% afirmaram ter problemas psíquicos/saúde mental. Já 30,6% declararam que seu maior desejo é conseguir uma moradia e 24,1% almejam conseguir um emprego. Além disso, 14,9% dos entrevistados disseram que seu maior desejo é a (re)construção de laços familiares.

II. Religiosidade, espiritualidade e o sentido de vida

E nessa situação de extrema instabilidade da vida nas ruas, como se perguntar sobre o tema do sentido da vida? Há sentido de vida nas pessoas que se encontram morando nas ruas?

Ao nascer, o ser humano é lançado em sua existência. Diferente de outros filhotes, o bebê humano traz consigo uma incapacidade de se cuidar que irá durar longo tempo. Caso não encontre ambiente afetivo, cuidados e alimentos adequados, fatalmente, o pequeno humano, devido à sua fragilidade, irá morrer. O grande desafio da vida humana é justamente crescer e se desenvolver em suas capacidades e aptidões sempre tendo a morte como possibilidade. Do bebê que nasce a tornar-se o adulto ou o idoso, há um longo caminho de dilemas, escolhas, perdas e ganhos. É a vida, a existência.

Frente a situações que remetem o ser humano a sua morte, não propriamente a morte física, mas, de qualquer função que o impossibilite o vir-a-ser, o homem tende a imprimir um novo sentido à sua existência. Heidegger (citado por Yalom, 1984), nos fala de duas maneiras de existir no mundo: "o estado de descuido do ser" e o "estado de cuidado do ser" (pp. 48-9). No estado de "descuido do ser", o ser humano se encontra em um nível inferior, o mundo das coisas. É um modo de existir inautêntico onde a pessoa não se dá conta de sua responsabilidade com sua própria vida e com o mundo. O estado de "cuidado do ser" é marcado por uma contínua consciência de ser. O ser não se maravilha com a beleza das coisas, mas sim, com o fato de elas existirem. É denominado de modo ontológico. Nesse estado a pessoa tem consciência de si mesma, capta suas responsabilidades e limites e enfrenta a liberdade absoluta.

Ao longo da vida aparecerão características específicas que farão com que o ser humano vá se diferenciando de todas as outras espécies. Características como a razão; a autoconsciência de sua existência, a capacidade de pensar sobre sua vida e fazer escolhas. Não impera sobre o homem o determinismo biológico como em outras espécies.

Essas capacidades, além de diferenciarem o humano de outras espécies, concedem a cada homem e a cada mulher a consciência de serem únicos. Apesar de ser imerso no mundo da cultura sendo por ele influenciado, há algo que fará de cada humano único. É a partir dessa unicidade que cada ser é chamado então a



responder por sua vida e por sua existência. Aqui surgem então as questões de sentido.

A dor de ser faz parte da nossa natureza. Não agüentamos apenas ser, temos de ser nós mesmos. Não queremos repetir ninguém nem que ninguém nos copie. Também não nos basta que os outros aprovelem nossa vida. É preciso que ela faça sentido para nós mesmos. Essa dor sentida é, no entanto, apenas uma face da moeda; a outra, em que mal reparamos, é a dor de uma bem aventura. Se podemos sentir a dor de nos ter perdido de nós mesmos, é porque temos o poder de nos encontrar novamente. O que nos angustia e nos deixa aturdidos nessa história é que, para esse indivíduo exclusivo que somos e para o sentido pessoal de nossas vidas, não há nenhuma referência possível. Os modelos culturais e as pessoas com quem convivemos podem nos inspirar, mas apenas isso. O resto é conosco (Critelli, 2002, 10 de outubro, p. 4).

Viver para o humano é ter consciência de que se existe, de que se deseja e que se pode morrer. Entre o emaranhado de possibilidades que a vida oferece, é preciso escolher e buscar se tornar o humano que se deseja. A existência é algo que se constitui e que se pode reler, reorganizar e escolher novamente. Há, então, uma inquietação com relação à vida que invade o ser humano e pergunta pelo sentido do existir. Mais do que existir deve haver um por que existir. Esse porquê existir é que poderá dar base e sustentação para que se suporte a vida em suas incertezas. É a partir dessa característica do ser humano que se pode conceber o mesmo, então, como um ser espiritual. O termo espiritual aqui não se dirige a algo da sacralidade ou ligado à religiosidade. O espiritual é aquilo que dá ao homem essa capacidade de unicidade e de busca de sentido. Além do biológico, do psíquico e do sociológico, há no humano essa dimensão do espiritual. Em todo o ser humano, religioso ou não, há a presença de uma espiritualidade.

Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual (Mahfoud & Coelho Júnior, 2001, p. 97).

Frankl (1948/2007) ressalta a dimensão espiritual no humano apontando para a sua condição de liberdade e responsabilidade que se contrapõe a condicionamentos da facticidade psicofísica de cada pessoa. A responsabilidade para o autor manifesta-se na capacidade de responder; é a liberdade de se posicionar no momento em que a existência coloca algo à sua frente. A liberdade é então essa possibilidade de escolher, tornando-se, naquele momento e em determinada situação, algo único. Para Frankl, a dimensão espiritual se resume então em ser livre e ser consciente da responsabilidade das escolhas.

Para Frankl (1948/2007), essa dimensão espiritual é mais ampla que a dimensão psicofísica, sendo, portanto, essencialmente humana. Ela representa essa busca de sentido que caracteriza o humano. O sentido da existência para o autor está fora do ser humano, podendo ser encontrado em três fontes: o trabalho, o amor e o sofrimento.



Frankl (1948/2007) afirma que a dimensão espiritual do ser humano é obrigatoriamente inconsciente e inteiramente pertencente ao eu. Há uma profundidade inconsciente na qual são tomadas as grandes decisões existencialmente autênticas. Assim, o autor afirma que, além de uma responsabilidade consciente, há uma responsabilidade inconsciente. Outra característica desse inconsciente espiritual é a sua autotranscendência, ou seja, a intencionalidade presente no homem é algo que o lança para fora, para algo além de si mesmo. Assim, a essência do humano para Frankl não pode estar na racionalidade.

A partir dessas considerações sobre o inconsciente espiritual, Frankl (1948/2007) afirma que há também no ser humano uma religiosidade inconsciente:

Ademais, numa terceira etapa de desenvolvimento, a análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente. (...) Essa fé inconsciente da pessoa, que aqui nos revela e está incluída no conceito de seu inconsciente transcendente, significaria então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus (p. 58).

Entendendo a dimensão espiritual da existência humana é que se pode entender como surgem as questões religiosas e o que elas buscam responder. Na verdade, a religiosidade se liga às questões de sentido buscando responder ao sentido maior da existência e extrapolando a realidade presente, mirando uma realidade transcendente. Não é algo que se liga à religião, mas, essencialmente, à busca de uma resposta.

Frankl (1948/2007) ressalta ainda que deve ser evitado acreditar que a relação inconsciente impulse ou force um contato do homem com Deus. Afirma que esse foi o erro de Jung, ao dizer que a religiosidade se localizava no inconsciente e de que, portanto, não era o eu quem decidia por crer em Deus. Ele era impulsionado inconscientemente a isso. Para Frankl (1948/2007), viver a religiosidade passa pelo âmbito da decisão de cada ser humano.

A relação com a transcendência pode ser apreendida pelo sujeito, no vivo da experiência, como um diálogo no qual o transcendente é considerado como um "Tu". Ao homem que vive essa possibilidade, Frankl o chama de *homo religiosus*. Contudo, esse relacionamento com o Tu também pode estar oculto para nós, inconsciente ou reprimido, mas, todo homem está sujeito a ele enquanto possibilidade humana. (Mahfoud & Coelho Júnior, 2001, p. 99)

Com relação à fonte das questões religiosas, vê-se que diferentes autores podem trazer contribuições. Cabe ressaltar que é fato notório que essas diferentes contribuições caminham em uma mesma direção.

Para Massimi e Mahfoud (1999), o senso religioso é a exigência de significado da vida e de todas as coisas. As perguntas que surgem ao homem pelo sentido das coisas e da própria vida pedem contato com algo que seja totalizante, fundante da experiência de si, experiência de ser. São, portanto, ainda que não confessadas, perguntas religiosas. A experiência religiosa pode ser encarada então como a



experiência de uma resposta transcendente a essa exigência propriamente humana. É necessário considerar a experiência religiosa para conhecer a experiência propriamente humana, e vice-versa.

No mesmo sentido Massimi e Mahfoud (1999) apontam a ligação entre a dimensão do sentido no humano e o senso religioso. O senso religioso, surgindo através de perguntas que questionam o sentido da vida e das coisas, se liga à dimensão espiritual do humano.

O fator religioso representa a natureza de nosso eu enquanto se exprime em certas perguntas: qual é o significado último da existência? Por que existem a dor, a morte? Por que, no fundo, vale a pena viver? Ou, a partir de outro ponto de vista: de que e para que é feita a realidade? O senso religioso situa-se dentro da realidade do nosso eu ao nível destas perguntas: *coincide com o compromisso radical de nosso eu com a vida, que se mostra nestas perguntas* (Giussani, 2009, p. 73, grifo do autor).

Giussani (2009) identifica o senso religioso como algo que oferece o empenho para que o humano se coloque existencialmente na vida.

A condição para poder surpreender em nós a existência e a natureza de um fator sustentador e decisivo como o senso religioso é o empenho com a vida inteira, na qual tudo está compreendido: amor, estudo, política, dinheiro, até a alimentação e o repouso, sem esquecer nada – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência. De fato, dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino (p. 63).

Amatuzzi (2001) também afirma que há no ser humano uma religiosidade latente ou um senso religioso que é algo que está na base de nossas questões de sentido. Se o ser humano, usando sua capacidade de abstração que é algo que o diferencia dos demais seres vivos, for se questionando pelo sentido das coisas, da vida, acabará se perguntando pelo sentido último, mais radical, ou seja, um questionamento que ultrapassa o limite do conhecido, do apreensível. O que dá fundamento a esse questionamento é o senso religioso

O campo religioso não é inicialmente o campo das indagações sobre os deuses, mas sim das indagações sobre tudo o que acontece, tudo o que existe e nos acontece. Trilhando esse caminho, desembocamos nas questões do sentido último e tocamos na questão do transcendente, pois é como se nos déssemos conta da totalidade dos horizontes, sem que isso aquietasse aquelas indagações (Amatuzzi, 1999, p. 127).

Esse senso religioso, na sua ânsia de respostas, pode desembocar em uma forma religiosa. Caso isso aconteça, essa forma religiosa será entendida como uma tomada de posição frente ao senso religioso; uma tentativa de dar resposta às questões que ele traz.

O que se pode notar é que as afirmações anteriores procuram ressaltar o aspecto da dimensão espiritual como característica essencial do humano. A religiosidade aparece então como um caminho dentro dessa dimensão maior que é a procura de sentido. Nesse aspecto ela se faz presente ainda cedo no desenvolvimento de cada pessoa para além das orientações religiosas culturalmente estabelecidas.



Mahfoud e Coelho Júnior (2001) salientam que a experiência religiosa se insere então na busca para uma vida plena de sentido. O homem explora a força da sua dimensão espiritual, permitindo-se ser conduzido por Tu, sendo advertido na dinâmica própria da consciência.

III. Metodologia

Considerando essa proposta de pensar a vida a partir da pergunta do sentido que pode se apresentar através da religiosidade é que perguntamos: O morador de rua que vive no extremo da carência se pergunta sobre o sentido de sua vida? A religião se apresenta como forma de sentido? Será que podemos entender também essa religiosidade como uma fonte de energia psíquica vital para a continuidade da sobrevivência dessas pessoas?

Para responder a essas perguntas buscamos escutar um morador de rua. Essa escuta se fundamentou na proposta fenomenológica. Segundo Feijoo (2000), ao adotar-se o método fenomenológico, visa-se alcançar o fenômeno em sua totalidade para compreender a sua essência, ou seja, apreender aquilo sem o qual o fenômeno passa a inexistir.

A Psicologia Fenomenológica visa a descrever com rigor, e não deduzir ou induzir, mostrar e não demonstrar, explicitar as estruturas em que a experiência se verifica e não expor a lógica da estrutura; por fim, deixar transparecer na descrição da experiência suas estruturas e não deduzir o aparente por aquilo que não se mostra (p. 33).

A Fenomenologia é, por excelência, um método filosófico que se transpõe para o método empírico. O método fenomenológico aplicado à pesquisa tem como componentes básicos as duas reduções (fenomenológica e eidética) e freqüentemente culmina com a descoberta das essências relacionadas ao fenômeno estudado.

Para Forghieri (1993), nas pesquisas quantitativas, o rigor é buscado a partir do controle das variáveis externas. Já na pesquisa fenomenológica o rigor é buscado através do trabalho com o próprio pesquisador, com o seu olhar. Tal fato se faz presente devido ao pressuposto da Psicologia fenomenológica de que o fenômeno se dá na interação do sujeito com o mundo. A percepção é um ato da consciência intencional e é através dela que o homem atribui significados aos fenômenos. Pode-se afirmar então que não há sujeito puro nem objeto puro, ainda que seja feita uma separação entre sujeito e objeto concebida no mundo natural.

Assim, a partir da orientação fenomenológica de pesquisa, buscamos apreender a essência da vivência do sentido de vida dos moradores de rua e como a religiosidade se apresenta no interior da dinâmica psíquica dos mesmos. Para tanto, foram entrevistadas três pessoas, porém, apresentamos neste trabalho apenas uma das entrevistas que ilustra, de maneira geral, os resultados a que chegamos com a pesquisa.

Sabemos que o morador de rua é assistido por inúmeros grupos religiosos que ora abordam esses moradores no local em que eles se encontram, ora os convidam a comparecer em um local específico: a igreja ou a sede do grupo religioso. Prestam diferentes tipos de assistência, como um lanche, um banho, um corte de cabelo ou barba e a doação de remédios ou peças de roupa. Além disso, o morador é convidado a participar de um culto, uma oração ou um passe.

Buscando uma imparcialidade na pesquisa, procuramos realizar a entrevista em um ambiente isento de aspectos religiosos. Como campo de pesquisa escolhido para a busca das pessoas a serem entrevistadas bem como o local onde realizar as mesmas, foi escolhido o Centro de Referência da População de Rua. Esse é um serviço de reconhecida importância dentro da política pública para o morador de



rua em Belo Horizonte. É um serviço público ligado a Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social da Prefeitura desta cidade.

O método de coleta dos dados que se mostrou mais apropriado para a pesquisa foi a do questionário semi-estruturado. Essa ferramenta serve como um orientador na pesquisa a ser realizada por apresentar eixos principais de questionamentos, mas permite ao pesquisador maior liberdade, podendo transitar ou se aprofundar em outros eixos que se façam presentes no decorrer do processo de entrevista.

Como a pesquisa foi orientada dentro do método fenomenológico, objetivou-se, através das perguntas, fazer com que o entrevistado expressasse suas vivências e buscasse relatar seus sentimentos no momento desse vivido. Não interessou o porquê, mas o como; o experimentado para a pessoa naquela situação.

IV. Resultados

IV.I. Moradores de rua e o sentido de vida

A partir das teorizações sobre os temas centrais tratados neste artigo, procuramos estabelecer contato com um morador de rua buscando investigar, a partir dos relatos de vida do mesmo, se havia a presença de elementos da religiosidade e, mais que isso, da espiritualidade e da pergunta pelo sentido de vida.

Caso Marcelo

Quando foi entrevistado, Marcelo relatou que era a terceira vez que estava em Belo Horizonte. Ao todo já viveu nas ruas da cidade por mais de dois anos.

Um fato que chama a atenção é que Marcelo, no início da entrevista, disse ter nascido em 1959, e teria, então, 50 anos, porém, ao longo do relato, ele afirma ter 52 anos. Isso se revela um fato recorrente entre pessoas que vivem nas ruas; uma noção flutuante do tempo, como é relatado por profissionais que trabalham com este público. Nem sempre há a precisão do tempo em que se está nas ruas, do tempo em que algo aconteceu, ou mesmo do tempo cotidiano. Pode-se creditar isso à falta de uma rotina fixa que delimite o dia-a-dia como, por exemplo, um trabalho formal que distingue claramente dias úteis e finais de semana. Há também certa confusão trazida pelo uso de álcool ou outros entorpecentes.

Ao iniciar, foi pedido a Marcelo que relate um pouco sobre a sua história e o que o trouxe para as ruas. Assim, essa foi a questão inicial: levar o entrevistado a falar um pouco sobre sua história, deixando que ele eleja os momentos significativos e buscando também entender como ocorreu sua vinda para as ruas.

Marcelo inicia a entrevista falando então de um período feliz onde possuía trabalho fixo, moradia e uma esposa. A mesma estava grávida e o casal, segundo ele, muito feliz. Mas, devido a complicações no parto, a esposa de Marcelo acabou falecendo juntamente com o bebê. Esse fato, segundo ele, foi um divisor de águas em sua vida, pois, a partir daí, sua vida foi-se modificando.

... isso eu tava trabalhando. Ai ligaram pra mim urgentemente que era pra vim pra casa. Quando eu cheguei já tinha levado pro Hospital, chegou lá... faixa de umas 18:00 Horas da tarde, 18:00 horas... ai veio a notícia (entrevistado se engasga na fala)... dá a notícia que ela tinha falecido né, ela mais a criança junto, morreu os dois. Aí de lá... tudo o que eu construí... o império foi destruindo tudin. Destruí tudin. Eu não ligava mais pro serviço... (faz gesto batendo uma mão na outra como quem expressa, "não to nem ai") pra mim tanto faz né... ai acabou. Ai cai no alcoolismo, e antes disso não bebia nada. Cai no alcoolismo... era de dia, de noite, de manhã cedo, na hora de que desse. Vendi os dois carros que eu



tinha. Acabei com tudo. E eu tinha uma situação mais ou menos que eu era controlado. Aí de lá pra cá... ai vendi a casa, vendi tudo. Ai fui pra rua, comecei a andar...

Marcelo relembra quando trabalhava e a esposa estava grávida. Ao se referir ao momento em que recebeu a notícia da morte da esposa e do filho recém-nascido, ele se engasga deixando vir à tona a intensidade de seu sentimento. Em seguida, afirma que a partir disso tudo o que havia construído, seu império, *destruiu tudin*; ele passa a não ligar mais *pro serviço*, podemos estender, passa a não mais ligar para sua vida. Outro fato que ele marca em sua fala é que então ele *cai no alcoolismo, e antes disso não bebia nada*. Frente à perda sofrida e ao envolvimento com o álcool ele resolve vir para as ruas e começa a andar. Enfrentar essa realidade que a vida trouxe torna-se insuportável para Marcelo.

Depois que ela faleceu, sabe como é que é né? Você fica lembrando, a casa vazia... cadê a jóia que você tinha? Não tem mais (...) o sentimento meu que eu tenho, verdadeiro mesmo, é a perda dela né. Que ela não era nem uma mulher, não era nem mais uma esposa, já era mais como uma irmã né? Dentro de casa... brincava pra lá e pra cá... é isso ai, ela se foi e tudo se acabou. Ai de lá pra cá só foi... chegava em casa a casa vazia, não via mais ninguém, era só eu mesmo, ai eu fui começando a beber. Tomava uma hoje e amanhã também.

Quando perguntado a Marcelo sobre o seu sentimento ao vivenciar essa experiência ele não expressa um sentimento sobre a perda, mas diz que o seu sentimento é a perda. A morte da esposa traz um vazio: ele não tem mais a jóia, algo de valor. Relata que a companheira era mais que esposa, expressando um sentimento de grande intensidade. Novamente afirma então que frente à solidão começa a beber; *tomava uma hoje e amanhã também*.

É possível perceber que a fala de Marcelo aponta para uma falta de sentido em continuar vivendo após esta perda. Torna-se difícil viver daquela forma, naquele local. A sua ação é sair andando como a procurar outra realidade ou o sentido para sua vida que havia mudado tanto. Até mesmo o fato de começar a beber demasiadamente aponta para esse vazio existencial (Frankl, 1946/2008). A fala de Marcelo aponta que havia também a ausência de outros laços significativos ou algo que o movesse para uma mudança positiva. O maior laço aparentemente foi aquele desfeito com a morte da companheira.

Em matéria, por exemplo... pai e mãe eu não tenho... faleceu todos os dois. Só tenho um irmão, mas com esse irmão eu não convivo muito bem não. Quando na época que eu precisei dele pra me ajudar sobre... da minha esposa, ele falou que ele não tinha condições e a família dele não tinha condições. Aí de lá pra cá eu desprezei, tá entendendo? Desprezei meu cunhado, sogra... de lá pra cá já vai fazer vinte e dois anos que eu não procuro nenhum deles. É eu e eu e Deus...

Reforçando esse sentimento de vazio e da ausência de outros laços, Marcelo logo em seguida afirma que já havia perdido os pais e que não convive bem com o irmão. Lembra que quando precisou do irmão *ele falou que ele não tinha condições e a família dele não tinha condições* de ajudar. Surge então o sentimento de desprezo pelo irmão e outros familiares. Ao sentir-se desprezado, Marcelo também despreza e rompe com o irmão, sem nunca voltar a procurá-lo. Fala então de 22



anos em que não procura mais essas pessoas e que agora é somente Deus o seu companheiro. Há então um primeiro sentimento dirigido a Deus em sua fala, alguém que o acompanha, alguém com quem não rompeu o laço, apesar de todo o vivido.

... aí passei por várias casas de recuperação, pra tentar melhorar... entrei numa que com um mês eles queria me levantar de obreiro e eu quis ir embora... é assim a minha vida. (faz uma expressão de decepção)

Buscando deixar o vício do alcoolismo, Marcelo relata que passou por diversas casas de recuperação, mas sem sucesso no tratamento. Lembra que em uma dessas casas eles queriam até o *levantar de obreiro*, figura de liderança dentro de determinadas igrejas e instituições ligadas às mesmas, mas prefere novamente ir embora e ressalta: *é assim a minha vida*, deixando transparecer um sentimento de decepção. Novamente ele sai da casa de recuperação e resolve andar, voltar à vida nas ruas.

Ao ser questionado sobre como é para ele a vida no dia-a-dia, ressalta novamente a companhia de Deus. Para ele, Deus é quem sabe de sua vida, por isso ele a entrega a Deus todos os dias.

eu levo a vida como assim... eu entrego a minha vida todo dia quando eu acordo eu... e quando eu vou dormir, na mão de Deus. Só Deus que agora que sabe da minha vida.

Para Marcelo é somente Deus quem sabe o que será de sua vida; ele a entrega e vive. A partir desse ponto descreve outros elementos de sua experiência de viver nas ruas. A ausência de um emprego formal é sentida como um grande empecilho para outras oportunidades na vida.

Pra mim fica difícil, trabalha em serviço, em obra assim, pra mim não dá. Ai, tinha de ser um serviço assim, transportadora, ta entendendo, mas, em transportadora... só da transportadora aqui é só mudança, esses negócios, eu já encarei, encarei várias mudanças ai, mas... você trabalha por trabalhar porque o dinheiro mesmo você não vê nada dele.

O emprego formal é difícil para a maioria das pessoas que se encontram em situação de rua e diferentes motivos contribuem para isso. O mercado que mais se abre para o morador de rua é de pequenas tarefas, os chamados "bicos". Marcelo fala do trabalho em transportadora. Muitos recorrem a pessoas em situação de rua para o trabalho braçal de carga e descarga, situações pontuais que não exigem registro em carteira de trabalho e baixa remuneração, o que dá a impressão de nem se ver o dinheiro.

No caso de Marcelo, de forma mais específica, mas não somente em seu caso, há elementos pessoais que acabam por dificultar ainda mais o acesso ao trabalho formal. Muitas vezes são elementos trazidos pela própria vida nas ruas, resultados de uma vida descuidada, violentada.

Aí vou falar a realidade. Não faço nada... eu pra trabalhar em obra eu não posso, eu tenho uma platina aqui nessa perna aqui (me mostra a perna) que ela fica sempre mais inchada que essa aqui. E essa vista esquerda eu não enxergo dela. Foi batida de caminhão, ai eu perdi essa visão dessa vista aqui. Só enxergo com essa aqui.

O corpo de Marcelo traz marcas da vida nas ruas. Sente que hoje não faz nada, mas está se referindo de forma direta ao trabalho. Ressalta que não tem trabalho



fixo porque hoje não conseguiria exercer um trabalho pesado ao qual seu perfil mais se adaptaria, como em obras, por ter machucado a perna e ter perdido uma visão, frutos de situações vividas nas ruas.

Parei no tempo. Não faço nada, num trabalho, num faço nada né? Parei de tudo, não dô um dia de... nada, pra ninguém. Inútil eu não sou, tenho condições para trabalhar mas num... num tenho como eu entrar de frente sozinho, tinha que ter alguém pra dar apoio, pra indicar, apoiar, o cara chegar até num emprego, tá entendendo? Que... nós somos muito maltratados porque se você chega numa firma você pode levar um currículo desse inteiro e a primeira coisa que eles procura saber, "você mora aonde?" A... eu moro no albergue. "Que que é albergue?" a... mora tantos homens lá e tal... "Cê é albergado?" É.

Marcelo sente que está parado no tempo. Vive nas ruas e não faz nada; para, fica estático. Afirma então o sentimento de que não é inútil, mas vive a dificuldade do desemprego que não consegue superar sozinho, precisa da ajuda de alguém. O sentimento de ser maltratado se faz presente quando afirma que ainda que apresente um currículo para se candidatar a um emprego, a pergunta *você mora aonde?* Acaba por determinar a condição de diferente, de um *albergado*.

Essa é uma queixa muito recorrente entre os moradores de rua, já que a ausência de um endereço fixo pode impedir o acesso ao serviço regulamentar. Além disso, o termo *albergado* traz construções sociais negativas em relação ao termo. Na sequência, Marcelo relata a sua própria experiência de discriminação.

Eu mesmo já fui discriminado, eu cheguei numa firma, pra trabalhar numa firma, levei todos os documentos, o cara falou: "Ó, amanhã você pode vim trabalhar" (...) Quando eu cheguei lá, "A... é o seguinte, a vaga que tinha já foi preenchida, o cara não me falou pra mim e já foi preenchida". Foi preenchida nada, foi porque eu falei que morava no albergue. Por isso que a gente é discriminado. (...) Se você entrar numa empresa e falar que você é morador de rua, mora no albergue, você é discriminado, a firma não aceita não.

O fato de não ter como comprovar moradia e a revelação de se estar morando nas ruas faz com que a sociedade, de forma geral, crie uma imagem negativa da pessoa. A oportunidade de trabalho poderia ser a chance de uma inserção social, mas ela pode acabar não ocorrendo devido ao conceito social criado sobre a população de rua de que se trata de pessoas que já roubaram, que mataram, não são dignos de confiança. Esse preconceito, aliado ao baixo nível de escolaridade da maioria, leva tais pessoas ao trabalho informal e descontínuo. Essa experiência de não poder acessar o serviço que lhe garantiria uma melhor qualidade de vida mantém Marcelo na mesma situação. Ele fala então das dificuldades de se viver nas ruas.

A aí... aí é difícil... hoje você tem R\$ 1,00 aqui, come um lanche ali. Amanhã você tem R\$ 5,00 você vai lá e come uma comida melhorzinha... o dia que não tem nada, aguarda até de vir a noite pra jantar, só isso. (risos com ar de certa decepção) Espera vim a noite, só jantar e pronto.



Marcelo vivencia a necessidade e a carência na pele. Se tem pouco dinheiro faz um lanche; se consegue uma quantia maior, come uma comida também melhor. Porém, como não há uma renda fixa e há dificuldade em se conseguir dinheiro, quando não tem Marcelo aguarda a noite onde irá dormir no albergue e então terá a janta. O sentimento de decepção se faz presente na face de Marcelo, pois a única alternativa nessa condição é esperar. Uma outra alternativa que se abre é pedir, como Marcelo descreve na seqüência.

Bater na porta da casa dos outros ou restaurante e ficar ali ó... se sobrar é seu. Igual cachorro, fica lá esperando o resto. Se sobrar é seu, se não sobrar ó... "não sobrou nada". Então aquele nada, você já tem que esperar aquilo lá mesmo procê comer. De dia ainda passa... a dificuldade maior é a noite, que a noite... a noite é uma vigia.

Para se comer quando não tem dinheiro Marcelo pede então em casas ou alguns restaurantes que doam a comida que não foi vendida naquele dia, que acontece, segundo ele, por volta das 15 horas. Assim, o sentimento que é despertado em Marcelo é de *ser igual cachorro que fica lá esperando o resto*. Quando acontece de não receber nada, esse nada já era uma possibilidade esperada.

Dando ênfase à na vida nas ruas, Marcelo fala que há muitas dificuldades, mas ressalta que a noite nas ruas é ainda pior.

Quer dizer, é um risco que você passa; o dia, a noite... a noite que você passa na rua, é um dia que você tem de Vitória porque você deitou e levantou no outro dia. É uma vitória que você conta na sua vida. Eu falo pros meninos ai... porque eu fiquei aqui agora, depois que eu tava na Tia Branca eu fiquei seis meses na rua; fiquei porque eu quis, não fui suspenso do albergue. Mas cada um dia que você deita e que você amanhece, é uma vitória na sua vida, você não sabe o que que vai passar a noite com você. (...) Cê dorme, a morte perto de você e você não vê. Ai só Deus mesmo que ta ali pra proteger você. Porque o homem é falho. O homem pra chegar, pra fazer uma covardia com você não custa nada.

Dormir na rua e acordar no outro dia é vivido como uma vitória diante de todos os riscos que se passa. Marcelo ressalta que ficou dormindo nas ruas cerca de seis meses e deixa claro que foi por opção, não por ter tido problemas no albergue. A noite na rua expõe Marcelo à possibilidade mais concreta da morte, uma morte covarde. Sente por tudo isso que o ser humano é falho e conta, assim, com a proteção de Deus.

A violência para com o morador de rua torna-se, muitas vezes, algo banal. Inúmeros são os fatos ocorridos que podem atestar essa realidade. Em São Paulo e no Rio de Janeiro aconteceram chacinas com moradores de rua e meninos de rua. Novamente em São Paulo uma onda de mortes no ano de 2004 assustou a população de rua daquela cidade. Em Brasília ganhou repercussão o caso do índio Galdino, que foi morto queimado por jovens de classe média e alta. Como forma de defesa, alegaram que achavam tratar-se de um mendigo. Além de serem vítimas de uma violência vinda de fora, os moradores de rua sofrem a violência de pessoas do mesmo grupo onde os mais jovens muitas vezes maltratam os mais velhos.

Dentre os atos de violência que já viveu ou presenciou nas ruas, Marcelo fala de ter visto meninos de rua colocar fogo entre os dedos de um morador de rua adulto e de ter visto outro morador ser queimado. O risco sentido é de que se pode acontecer isso a qualquer um, inclusive a ele próprio.



Eu falo que eu já vi em Niterói; já vi em Caxias, o camarada deitado assim, os moleque de rua vim, tirá o chinelo do cara assim; colocar fogo, algodão, joga álcool e coloca fogo no meio dos dedos do camarada. Colocar fogo num camarada deitado dentro do carrinho (carrinho usado para a cata de material reciclável), o cara era mais alto que eu e ele ficou desse tamaninho (faz sinal com a mão mostrando).

O maior medo causado é por pensar que se pode ser o próximo a sofrer tal violência. Isso leva Marcelo a afirmar que cada noite passada na rua é uma vitória. Muitas vezes o grupo que é considerado amigo e fonte de sociabilidade pode ser também fonte de violência. Marcelo utiliza um termo que chama a atenção, ao dizer que na rua a pessoa passa por muitas atribulações. Perguntamos quais são essas atribulações e ele procura dar um exemplo.

Ai, quando pensei que nada, ele meteu a faca aqui (levantou a camisa e mostrou uma cicatriz no abdômen), ai os outros gritaram, os que tavam na rua junto com a gente, ai ele passou a faca aqui. Isso que eu recebi, na mesma vida que eu tava levando, ele também, ele pegou e queria me furar pra me tomar o dinheiro.

Marcelo relata que era amigo de um outro morador de rua e que andavam sempre juntos, *na mesma vida*. Certa vez, conta que conseguiu uma doação em dinheiro de um pastor e esse outro morador de rua quis roubar-lhe o dinheiro desferindo-lhe uma facada. Atribulações podem ser, como no exemplo citado, a marca da violência deixada pela vida nas ruas.

A experiência de pedir mobiliza muitos sentimentos em Marcelo, pois sente que está em um papel que não gostaria de estar e recebendo inúmeras imagens daqueles que estão externos a sua realidade.

É difícil, mas fazê o que? Fica ai na porta de um e outro pedindo, levando aquilo que todo mundo brasileiro aprendeu: "Vai trabalhar vagabundo". Ou senão eles te vem com um tanto de pedrada em cima de você. Ou senão "vai roubar pra você comer". Ai eu jamais penso em entrar numa vida dessa.

O termo vagabundo é usado justamente para designar aquele que não trabalha e vive na vadiagem. Marcelo vivencia esse fato, mas afirma que jamais pensa em se tornar um vagabundo ou um ladrão. Se todos os brasileiros aprenderam a falar, ou pensar isso, Marcelo mostra que sua subjetivação da situação de rua não o leva para o papel do contraventor, de quem faz *como todo mundo brasileiro*. Frente a todo esse panorama desfavorável, o que é viver para Marcelo?

Eu vou falar aqui a verdade; do jeito que eu tô vivendo, não tô vivendo... a vida, quem faz a vida é você, eu não reclamo nada da vida, eu não reclamo... igual eu falei, se eu tô desse jeito. Eu podia passar a borracha naquilo lá da morte da minha mulher e, entregar na mão de Deus e continuar a minha vida. Hoje eu tava um homem aposentado pelo porto, tinha minha casa, tinha tudo. Mas eu... eu fui um fracasso de mim mesmo. Eu fui fracasso, eu mesmo me fracassei, eu fracassei.



Pode-se afirmar primeiramente que na afirmação de Marcelo há um descontentamento para com a vida atual, o sentimento é de que não está vivendo. Se essa afirmação soa como negativa por trazer um sentimento de tristeza e decepção, ela revela também que há em Marcelo um desejo de uma vida diferente. Ao afirmar que não está vivendo, ele aponta que acredita em uma forma diferente de viver; há um sentido colocado. Há também um sentimento de responsabilização, pois Marcelo sente que poderia ter feito uma escolha diferente, passado uma borracha no passado, ter entregado na mão de Deus sua vida e continuar vivendo. Deus revela-se assim para Marcelo como um ser acolhedor, aquele que entende e oferece um conforto. Marcelo reflete sobre uma vida diferente que poderia ter construído e, frente ao sofrimento, subjetiva a si mesmo como um fracasso. Peço a Marcelo que fale sobre o momento mais difícil que viveu nas ruas em todos esses anos e então relata a vivência da solidão como sendo esse momento.

Ó... momento mais difícil (silêncio)... o momento mais difícil que eu passei na minha vida foi o dia que eu senti a solidão; o que é a solidão. Foi o dia que eu cai aqui dentro e fui levado pelo SAMU pro Pronto Socorro. Dia vinte e cinco de Dezembro eu tava dentro do João XXIII, ai que eu lembrei viu! Tudo que eu tinha e joguei pra trás agora to aqui. Dia vinte de dezembro... dia vinte e cinco de dezembro e dia de ano novo sozinho aqui. Ninguém pra falar pra você: "Feliz ano novo... um feliz natal". Isso foi a maior tristeza na minha vida.

Marcelo relata a vivência de ter conhecido o que é a solidão. Num momento de fragilidade da saúde ele se vê sozinho em um hospital público. A data do natal e do ano novo o faz lembrar de sua vida, de tudo o que tinha e, em suas palavras, jogou para trás e agora estava ali, sem que ninguém lhe desejasse algo de bom nesse período. Certas datas, como é o caso do Natal e da entrada de um ano novo, remetem a um contexto de planos, expectativas de mudanças e as pessoas são incentivadas a estarem próximas de seus familiares. Nesse momento é que Marcelo sente com maior intensidade o que é a solidão.

Agora... assim... tristeza mesmo é quando a gente vê assim né, os amigos que você tem mais conhecimento com eles é morto, outros é "faqueado", outros tá preso por causa de droga, esses bagulhos, essas merdas ai que não leva ninguém a frente, ai da tristeza na gente, tá sabendo? Vê que tem uns amigos que bebeu cachaça com a gente; dormia na rua junto com a gente, hoje tá numa grade ou senão ta morto, aí te fere. Tem uns que não ligam, mas tem outros, pra mim eu já fico triste.

Marcelo sente-se triste também quando outros amigos de rua são mortos ou presos e se refere, especificamente, ao uso de droga como motivo dessas prisões. Expressa também sua opinião sobre drogas *essas merdas ai que não leva ninguém a frente*. Faz referências aos amigos com os quais conviveu nas ruas, tomou cachaça junto e hoje estão presos ou foram mortos. Ressalta que ainda que alguns não liguem, ele fica triste.

Ao falar dessa tristeza e das dificuldades em se viver nas ruas, Marcelo relata então que sem a força de outros o morador de rua passaria por dificuldades ainda maiores.

Se não tiver ninguém pra dar uma força pra ele, ele só vai ó... A maioria, todos nós que ai, dentro



desse trem aqui, ninguém tá aqui porque quis, tá aqui porque tá necessitado. Se essa casa fecha aqui, ou se fecha esses albergue tudin que eu conheço, e essas casas de recuperação, e essas doação, o morador de rua, ele vai ter que dar os pulos dele, que tem casa que dá apoio. As casas de recuperação da apoio, tem as casas que dá alimentação, tem as que dá roupa final de semana. O dia que fecha esse ciclo todinho ai...

Para Marcelo ninguém está nas ruas porque quer, mas devido à necessidade. Assim, se não houver alguém que dê forças e apoio ao morador de rua, sua situação será pior. Marcelo sente como apoio os programas sociais da prefeitura, casas de doação e casas de recuperação. Esses espaços que atendem ao morador de rua são vistos como a formação de um ciclo; caso ele se encerre, o morador de rua terá que buscar outras formas de se sustentar.

Ao mesmo tempo em que Marcelo afirma que ninguém, está na rua porque quer, inclusive ele, ele reconhece a vinda para as ruas como uma escolha sua.

Eu se sinto mal, mas eu vou falar a verdade, foi eu mesmo que procurei, foi eu mesmo. (...) não acuso ninguém; não acuso ninguém. Eu acuso o meu eu, o meu eu... meu eu que tá nesse negócio, não acuso ninguém. Sai... tudo que eu fiz não foi forçada de ninguém, fui eu mesmo que escolhi; "a eu vou sair pra arejar a cabeça por ai". E daí foi até hoje... até hoje. Não encontrei ainda o que eu queria encontrar, mas eu sei que até chegar lá eu ainda vou encontrar meu objetivo ainda. Tá vendo? Não acuso ninguém.

Marcelo se sente mal com o fato de viver nas ruas e com todas as situações que lhe são colocadas. No entanto, não acusa outros pela vida que está levando mas a si mesmo como responsável por ter saído para as ruas. Em seguida, faz uma importante revelação, afirmando que não encontrou nas ruas o seu objetivo. Mas há uma certeza de que até *chegar lá*, no fim, ele ainda vai encontrar algo que o responda por seus objetivos.

Eu acredito que um dia eu pejo e vou passar por cima, eu não vou ficar nessa pro resto da minha vida, ou senão eu vou pra eternidade. A eternidade é na hora que o meu pai me chama uai. Mas aqui na terra eu vou fazer por onde, pra nunca entrar nas maus tentações. Cai dentro de uma cadeia eu nunca cai; não fumo droga nenhuma, nunca fumei um cigarro na minha vida, é isso. Mas eu acredito, até o final da minha vida, eu tenho certeza que eu vou ter uma mudança, não sei como mas eu vou ter uma mudança.

Marcelo tem o sentimento de que irá superar, mudar sua vida. Ele vai lutar, pejar e passar por cima, pois não vai ficar o resto da vida na situação de rua. Ou ele muda, ou vai para a eternidade. Buscando explicar o que entende por eternidade, Marcelo aponta que será a hora em que *seu pai* chamá-lo para um outro local, uma outra vida. Enquanto está vivendo aqui na terra, Marcelo procura fazer algo para não cair nas *maus tentações (SIC)*, como não fumar (droga), não usar cigarro ou vir a ser preso. Há em Marcelo a certeza de sua mudança, porém, ele ainda não sabe como fará para obtê-la. Questiono sobre como seria essa mudança e ele responde.



O meu sonho mesmo é ter uma casa, um canto pra mim mesmo, um emprego pra mim mesmo. Ai eu levanto, eu já vou deitar sabendo que amanhã eu já sei pra onde que eu vou. Agora viver numa vida dessa ai num dá né? Se levanta de manhã cedo cê vai pra onde? Banco da Praça; praça da estação, praça da Rodoviária, fica em doação pra cima e pra baixo ai, pra chegar lá e come um pratin de sopa? tomar um café? Arranjar umas roupa véia? Não... eu sou obrigado a pegar porque trabalhar eu não to trabalhando, não vou dizer que eu não sou melhor que ninguém não. A gente vai lá e pega a roupa que ta dando, não ta roubando; mas o meu sonho não é isso não, ficá pro resto dessa vida nisso não. E uma que eu já to chegando na casa, já cheguei nos 52 anos. Até agora eu parei... (faz silêncio), parei, parei.

A mudança a que Marcelo se refere é realizar o sonho de ter uma casa e um emprego, mas isso serve para lhe dar a condição de sair da vida de rua; sair e saber para onde se vai e não ocupar o logradouro público. Reaparece então a questão das doações, mas surge o sentimento de que ele só frequenta tais espaço devido à falta de um emprego. Mas Marcelo ressalta que seu sonho passa por outro lugar, não é ficar *pro resto dessa vida nisso não*. Marcelo reflete sobre sua vida e sente que chegou aos 52 anos. Seu sentimento é de parou no tempo. O silêncio ao fazer essa afirmação mostra um rosto angustiado, o sentimento de uma vida que passa, que completa 52 anos e está parada.

Como no discurso de Marcelo novamente aparece a questão das instituições que doam algo ao morador de rua, percebemos que as mesmas têm uma importância para o mesmo. Pedimos a ele que fale um pouco sobre as mesmas.

Eu frequento. Hoje mesmo; ontem eu fui na Bernadete, hoje eu fui lá outra vez. É casa espírita, casa espírita e católico. Eu frequento a igreja aqui em cima todo domingo (...) A... aquela de frente da passarela ali... Igreja católica mesmo. Não tem a passarela aqui (aponta no sentido do Bairro Carlos Prates), é a primeira igreja que tem ali. (...) Eu frequento. Leio o livro de Alan Kardec... tô lendo o livro dele; já li o livro dele, de Alan Kardec, agora tô lendo o Chico Xavier.

Marcelo, ao falar das instituições, reafirma que é freqüente as mesmas, contudo, não descreve mais a questão das doações, mas faz sua ligação com as religiões. Assim, há, além da possibilidade de receber doações, a vivência de uma religiosidade. Marcelo frequenta a igreja católica e dedica-se à leitura de livros espíritas, formas de vivenciar sua religiosidade. Perguntamos sobre como se sente em relação a essa vivência da religiosidade e Marcelo responde.

Não... o importante pra mim eu tô ali livre, livre, ouvindo a palavra de Deus. Eu me sinto bem ta vendo; que eu já fui obreiro de casa de recuperação. Hora dessas eu tava dando culto pras outras pessoas que tava chegando. Ai eu peguei e desviei disso tudinho, mas eu gosto de ir; eu me sinto bem, eu gosto de ler o livro de Alan Kardec, só que é um livro que você não pode



cair em fundamento dele demais senão ó (faz sinal rodando o dedo indicador em volta do ouvido como quem diz: "fica doido"). Ele conta entre o vivo e o mortal, é muita coisa?

Para Marcelo, o que importa é o fato de se sentir livre ao ouvir a *palavra de Deus*. O sentimento é de sentir-se bem; Deus possibilita a vivência de uma liberdade. Marcelo lembra o tempo em que se dedicava de forma mais direta a uma religiosidade sendo obreiro. Entra então o sentimento de ter se desviado do caminho que seguia e que poderia tê-lo levado em outra direção, pois poderia estar, naquele momento da entrevista, fazendo culto e recebendo outras pessoas. Reafirma que gosta de freqüentar e sente-se bem com a religiosidade. Marcelo, porém, faz uma advertência a si mesmo, pois entrar em fundamentos do espiritismo pode deixá-lo confuso. O mundo dos vivos e dos mortais é algo que o confunde. Porém, analisando o discurso de Marcelo, esta não é a principal questão da religião, não está o principal foco em acreditar ou não.

Eu não acredito mas... eu paro pra meditar; pra ver né, o que vai dar no futuro. Eu espero no futuro, passado é museu (...) A véio... eu espero muita coisa melhor ainda até quando Deus me chamar viu. Melhores... bastante melhoras pra mim.

Deus e a religiosidade para Marcelo estão na esfera da liberdade e oferecem a possibilidade de pensar no futuro, um futuro diferente e cheio de melhoras. Marcelo projeta no futuro porque *passado é museu*. Até que Deus o chame, que se encontre com a morte, Marcelo ainda espera muitas melhoras. Há aqui a possibilidade de uma transcendência.

... ai foi passado, e agora não, eu to querendo é viver o futuro. Quero viver o futuro... quero viver o futuro. Tô esforçando, to trabalhando, to pedindo a Deus todo dia, toda hora. Vem atribulação? Vem. Vem "lero lero" no seu ouvido? Vem. Então eu passo a régua naquilo e saio fora.

Novamente Marcelo expressa o sentimento de que o passado ficou e resta viver o futuro. Ele se esforça e está pedindo a Deus. Apesar das tribulações, ele passa por cima e segue em frente. Deus é vivenciado então como uma fonte de força para a superação.

Marcelo vivencia a religião também falando de Deus, mas, para falar de Deus, segundo ele, há que ser fiel.

Pra falar de Deus você tem que ser fiel a ele, fiel a ele. Não é só falar de Deus aqui e amanhã você virar as costas pra ele, você tem que ser fiel. Eu sou um camarada normal, eu falo de Deus, assim, na hora certa e no momento certo. Então quando tem uma palestra nessas igrejas ai que a gente vai, nessas casas de recuperação onde que, doação, eles dão oportunidade, eu falo, mas, tem de falar de coração. Falar por falar não vence barreiras.

Para falar de Deus é necessário que seja fiel a ele. A fidelidade a Deus está em não virar as costas para ele. Assim, Marcelo fala de Deus na hora certa e no momento certo, mas essa fala tem de ser de coração, pois *falar por falar não vence barreiras*. Há em Marcelo uma preocupação em saber se sua fala é de coração, mas quem pode julgar é apenas Deus. Mas ele fala com Deus tirando o seu momento com o transcendente.



Olha... eu falo... Eu tiro o meu momento, é eu e ele, é pra mim e ele. Ai ele lá que vai, vai me julgar, se eu to falando a sinceridade com ele ou se eu to jogando de boca pra fora contra ele.

Assim, ao poucos, Marcelo vai desenhando em seu discurso a influência positiva que a religiosidade exerce em suas vivências. O momento tirado para falar com Deus mantém um canal que o liga a um ser que está presente e o ajuda em seus momentos de necessidade. Deus é sentido como alguém que ajuda.

Já... me ajudou. Me ajudou muito porque... eu fiquei nove meses numa cadeira de rodas; stress de cachaça e não se alimentar, fiquei nove meses na cadeira de rodas. Hoje ele me colocou do jeito que eu to aqui; do jeito que eu andei isso tudo ai. Hoje eu me sinto tranqüilo, ele me ajudou.

O uso intenso de bebida alcoólica causa em Marcelo sérios problemas de saúde que acabam por prejudicá-lo. Há uma limitação física, que, segundo ele, durou nove meses. Foi comunicado por médicos que havia a possibilidade dele permanecer sem movimento na pernas, mas Deus o levanta; *ele me colocou do jeito que eu to aqui*. Isso traz um sentimento de tranqüilidade e o reconhecimento de que foi ajudado em seu momento de dificuldade. Marcelo ressalta, porém, que isso não se deu de modo isolado; a sua participação se deu pelo sentimento da fé.

Mas eu peguei com fé a ele, lutando, eu consegui levantar, ele me levantou, mas através de mim e com fé com ele, hoje ele me colocou em cima, ai ó. Se não fosse ele se acha que eu... "á... eu já to é ruim mesmo; num barco d`água, a água já entornou mesmo do balde, agora deixa e vô viver o resto da minha vida na cadeira de roda". Hora dessa eu tava aqui falando com você numa cadeira de rodas se eu deixasse, mas, ele diz: "Vai que eu te ajudarei; agora, se esforça. Se você não se esforçar... vai depender de você; que eu vou te ajudar, se esforça".

Marcelo sente que Deus o levanta, mas através dele mesmo, de sua fé. Ele "pegou com fé" e Deus o colocou *em cima*. Ao mesmo tempo Marcelo aponta que se fosse apenas por ele, não teria superado o problema. *Se não fosse ele* (Deus), Marcelo sente que poderia ter se conformado e ficado sem andar, *hora dessa eu tava aqui falando com você numa cadeira de rodas se eu deixasse*. Ao finalizar esse trecho, ele expressa o sentimento que tem com relação a Deus como alguém que ajuda o humano, mas exige do mesmo que faça um esforço. A ajuda de Deus é certa, dependendo do esforço ou não do humano, *vai depender de você*.

Cai e me levantei. De lá pra cá, desde aquele dia que eu cai aqui, até hoje o álcool tá fora, não coloco. Com fé em Deus, igual os outro fala ai.. "Com fé em Deus nunca mais eu ponho essa peste desse trem na minha boca." Eu não falo isso, enquanto que eu tiver força, força de vontade e disposição eu vou lutar contra ela. Agora eu não vou falar com fé em Deus eu não vou... ai ele cai, ele bebe, ai o outro fala, uai fulano, se falou que... "A... Deus virou as costas pra mim", ele não vira as costas pra ninguém não, você que escolheu voltar pelo caminho que você tava, não conseguiu seguir ele. Eu não coloco ninguém, eu me coloco eu. Por que eu vou



falar, a Deus virou as costas, Deus não vira as costas pra ninguém não, nois que procura.

Marcelo traz então em questão uma de suas dificuldades para exemplificar a ajuda de Deus e o esforço daquele que pede; que busca mudança. Assim, ao analisar sua própria vida, ele afirma que caiu e se levantou. Fala então de uma situação em que passou mal novamente devido ao uso do álcool e que, após isso, está sem beber. Contextualiza então a fala de outras pessoas que afirmam que com fé em Deus deixarão de beber, ou de fazer outras coisas. Já Marcelo fala que o importante é sua força de vontade e a disposição de lutar, no caso, contra a dependência. Para Marcelo, o fato concreto é de que Deus não *vira as costas pra ninguém*, é a própria pessoa que escolhe voltar por um caminho que difere do caminho de Deus, *não conseguiu seguir a ele*. Finaliza esse trecho de sua fala reafirmando a questão da escolha inerente ao humano. O caminho de Deus para Marcelo é o de deixar a bebida, mais que isso, o caminho de superar um situação; de mudar uma realidade.

Quando peço a Marcelo que fale sobre o seu sentido de vida, ele traz aquilo que para ele é de fundamental importância e que pode tirá-lo da condição de morador de rua: a conquista de uma casa.

Quer dizer, se eu tendo a minha casa ai sim eu vou ter o meu horário de acordar, eu não vou ficar dependendo dos outros pra comer a hora que eles quer dar. Se eu não quizer comer eu não vou comer porque eu não quis fazer, agora enquanto cê tiver dependendo da ajuda dos outros, cê tem que ser capacho deles né? Fazer a hora deles.

Ter a própria casa aponta para a possibilidade de não ser dependente de outros, ter a sua hora para fazer suas coisas e a condição de não ser capacho de outra pessoa. Ter a vida própria para Marcelo é ter um emprego e o seu dinheiro, o que lhe traria uma vida digna. Viver na rua para Marcelo é não viver, é ser jogado pelos outros.

O meu projeto agora, que eu to vivendo agora, meu único projeto, eu quero conseguir um emprego, sabendo? Tê uma vida digna, uma vida digna que eu posso ter emprego, ter o meu dinheiro e ter a minha vida. Porque na rua a gente não véve; véve jogado pelos outros ai, na mão de um, hoje ta aqui, amanhã ta ali, ta sentado no banco de uma praça; amanhã você tá sentado ne outro banco de outra praça, ai você chega lá pra cima (Se refere a ir dormir no albergue) você vê aquele monte de gente falando só "lheira"... "Eu já fui cadeeiro, já matei, já roubei, fui traficante". Mas o que? Tá ali comendo no mesmo prato.

Marcelo se refere ao assunto dos outros moradores de rua como um discurso vazio, lheira. Ressalta apenas falas que mostram o lado negativo que muitas vezes marcam, rotulam, pessoas nas ruas como ex-presidiário; alguém que matou ou roubou. Para Marcelo vale, entretanto, o fato de que ali não há diferença entre as pessoas; estão todas na mesma situação de vida nas ruas.

Agora você tando na sua casa é você e você, ta vendo? Mas enquanto não tem; tem que ficar ouvindo asneira, até que um dia Deus olhe pra você. "Não... você merece, eu vou tirar você desse lamaçal, vou te colocar numa outra vida melhor, vou te dar um plano de vida melhor". O



meu plano de vida nesse momento, eu quero o que? É ter um emprego, uma vida digna; uma vida digna. Dono do meu nariz, não do nariz dos outros. Ser dono do meu nariz, se eu falar que eu não quero hoje eu não quero.

Enquanto se está vivendo nas ruas é inevitável ouvir “asneiras” de outras pessoas que estão na mesma condição. Asneiras aqui se refere a esse conteúdo das falas marcado por violência e uso de drogas, o que não agrada Marcelo. Novamente surgem em sua fala elementos da religiosidade quando ele afirma que essa situação pode mudar quando Deus olhar para sua situação. O merecimento, talvez pelo sofrimento já vivido, alimenta o sentimento de que Deus pode tirá-lo *desse lamaçal*. Deus favorece a busca de uma vida digna e de ser dono de si mesmo. Finalizando, peço a Marcelo que fale sobre o seu sentimento com relação à morte, e então ele faz algumas colocações que novamente apontam para sua ligação com o transcendente.

Agora sobre respeito à morte, ai meu amigo, ai ficou encrocado. Só o pai e o filho e o espírito santo que vai saber qual é o seu dia e qual é sua hora, se chegar hoje, no momento em que eu descer essa escada ai, ele me levar, fazer o que? É ele que quis, não foi eu. Ou eu sair daqui até chegar la em cima, posso me deitar e não posso me levantar também. É a vida dele uai, ele que sabe, ele que faz o controle da nossa vida, não são nós aqui não, em carnal aqui na terra não. Quem faz o nosso dia-a-dia é ele. Vou te descansar e vou te alertar pra você no outro dia.

Assim como entrega sua vida “na mão” de Deus, Marcelo diz que só o pai, o filho e o espírito santo vai saber qual é o dia e a hora da morte e, quando ela chegar, nada se pode fazer. A vida é de Deus e ele é quem sabe da vida do homem, *ele que faz o controle da nossa vida*.

IV.II. Refletindo sobre Marcelo

É possível pensar que há um sentido de vida nos moradores de rua, ou essas pessoas, mergulhadas na esfera da necessidade, perderam o sentido de suas existências e vivem de maneira errante pelo mundo?

A partir das análises dos relatos de Marcelo, é possível perceber que há uma pergunta pelo sentido que perpassa o discurso do mesmo e a religiosidade aparece como possibilidade de poder ser uma resposta para tais questões, não a única. Talvez não se identifica um sentido geral e fechado para a vida no discurso dessa pessoa, mas há elementos de uma constante busca de sentido.

Frankl (1948/2007) afirma que não é o ser humano quem faz a pergunta pelo sentido da vida, mas ao contrário, ele é interrogado pela vida e deve dar respostas, que serão sempre dadas através de atos. As perguntas vitais só podem ser respondidas, segundo Frankl, pelas ações. As respostas são dadas pela responsabilidade assumida pela existência em cada situação. A existência só pode ser de cada um se for responsável. Para o Existencialismo e a Logoterapia, o verdadeiro ser humano não é aquele que é movido por instintos, mas é um ser que decide, responsável. O humano começa onde deixa de ser impelido, determinado. Ele acaba quando deixa de ser responsável.

Ao se analisar as vivências relatadas por Marcelo, notam-se elementos que se referem, de alguma forma, à questão do sentido. Por um lado, há a perda do sentido de vida que se manifesta em atitudes de descuido para com o próprio ser, por outro, há também momentos em que o entrevistado aponta para a busca do



sentido de vida. Se o mesmo ainda não foi encontrado, ele não perdeu também a noção dessa busca.

A situação de vida nas ruas é marcada pela exclusão social e pelo sofrimento físico e psíquico. Pode-se afirmar que, frente a condições tão adversas de existência, aquele que vive nas ruas vive numa situação-limite. Muitos elementos e vivências de seu dia-a-dia podem indicar a ausência de sentido e a possibilidade da morte, tanto a física quanto a morte das possibilidades. Escorel (2000) chega a afirmar que, frente a tantas condições adversas, existem pessoas que sobrevivem de teimosas, cita como exemplo, os moradores de rua. O que a autora chama de teimosia pode-se entender em Frankl (1948/2007), e exemplificado por Marcelo, como sentido de vida, um motivo para permanecer vivo. Mesmo com um cenário negativo é possível encontrar um sentido para a vida. Conforme Frankl (1948/2007), há sentido em qualquer situação, mesmo no suicídio.

Marcelo dá um exemplo dessa busca que o morador de rua faz pelo sentido, por algo que possa orientar e dar sustentação à vida nas ruas. *Não encontrei ainda o que eu queria encontrar, mas eu sei que até chegar lá eu ainda vou encontrar meu objetivo ainda.* Nota-se então que há uma procura por esse algo que preenche o vazio da existência.

Isso vai também ao encontro do que afirma Frankl (1948/2007) que o que importa não é dar sentido, mas encontrar um sentido. A vida equivale assim a um enigma a ser decifrado. O sentido não pode ser inventado, mas precisa ser descoberto. Descobrir o sentido é, assim, algo único e individual e faz parte da responsabilidade de cada ser humano para consigo próprio.

Na fala do entrevistado, há a expressão marcante de um desejo de se conseguir trabalho. Não afirmamos que o trabalho constitui-se como um sentido, mas, pode estar como a representar um sentido maior. O trabalho e mesmo o desejo de fazer cursos são encarados como a possibilidade de saída da situação de rua. Estão a serviço da transcendência, à medida que podem permitir a essas pessoas que estão vivendo nas ruas uma mudança. Há a possibilidade de se desprender da rua, do imediato e almejar algo futuro. Neste sentido o desejo de um trabalho fixo pode ser entendido como um desejo de se constituírem vínculos estáveis.

Pode-se ver na fala de ambos essa expressão pelo desejo do trabalho. Marcelo diz que *meu projeto agora, que eu to vivendo agora, meu único projeto, eu quero conseguir um emprego, sabendo? Tê uma vida digna, uma vida digna que eu posso ter emprego, ter o meu dinheiro e ter a minha vida.*

Segundo Frankl (1948/2007), o sentido não se refere apenas a uma situação determinada, mas também a uma pessoa determinada que está envolvida numa situação determinada. Não só se modifica, como é diferente de pessoa para pessoa. Estar vivendo nas ruas é assim uma morte. É a morte das possibilidades e a perda do sentido de vida. Os caminhos que apontarem assim para a superação dessa situação de vida estão a serviço da busca pelo sentido, pelo sentido de se reencontrar enquanto ser humano, livre e responsável.

Marcelo, ao falar sobre sua vida e sua vinda para as ruas, analisa então sua existência como um todo. O fato de não encontrar um sentido que oriente sua vida é sentido então como um fracasso de si mesmo.

Eu vou falar aqui a verdade; do jeito que eu tô vivendo, não tô vivendo... a vida, quem faz a vida é você, eu não reclamo nada da vida, eu não reclamo... igual eu falei, se eu tô desse jeito. Eu podia passar a borracha naquilo lá da morte da minha mulher e entregar na mão de Deus e continuar a minha vida. Hoje eu tava um homem aposentado pelo porto, tinha minha casa, tinha tudo. Mas eu... eu fui um fracasso de mim



mesmo. Eu fui fracasso, eu mesmo me fracassei, eu fracassei.

Ao mesmo tempo o entrevistado mantém a firme convicção de que irá superar sua situação e encontrar algo, uma mudança. Esse ideal tem-no motivado a fazer ações concretas para que possa alcançar tais mudanças. Um exemplo dessas ações é o fato de o mesmo diminuir o uso da bebida. Assim, o sentimento de algo a ser alcançado e mudado aparece como a manifestação de um sentido.

Eu acredito que um dia eu pejejo e vou passar por cima, eu não vou ficar nessa pro resto da minha vida, ou senão eu vou pra eternidade.(...) Mas eu acredito, até o final da minha vida, eu tenho certeza que eu vou ter uma mudança, não sei como mas eu vou ter uma mudança. (...) O meu sonho mesmo é ter uma casa, um canto pra mim mesmo, um emprego pra mim mesmo. Ai eu levanto, eu já vou deitar sabendo que amanhã eu já sei pra onde que eu vou. Agora viver numa vida dessa ai num dá né?

Esta fala de Marcelo mostra a saída de uma situação e o desejo de se lançar em algo diferente. É um sinal da transcendência que se faz presente, impulsionando-o ao caminho de encontrar o sentido.

Na realidade, a existência humana sempre já vai além de si mesma, já está sempre indicando um sentido. Neste sentido o que importa à existência humana não é prazer ou poder, nem auto-realização, mas antes o cumprimento de sentido. Na Logoterapia falamos de uma vontade de sentido. O sentido é uma barreira além da qual não podemos avançar, mas que simplesmente precisamos aceitar: esse sentido último temos que aceitar porque não podemos perguntar além dele; pois se tentarmos responder à pergunta pelo sentido do ser, já se pressupõe o ser de sentido" (Frankl, 1948/2007, p. 76)

Ou seja, para Frankl (1948/2007), há um sentido maior que não é apreensível ao humano por meios humanos. Aqui deixa de aparecer o sentido apreensível, no qual não há possibilidade de se acessar por meios racionais; entra em cena a fé em algo maior. Segundo Frankl (1948/2007), o crer não é apenas uma fé em Deus, mas uma fé mais abrangente em um sentido. Fazer a pergunta pelo sentido da vida significa ser religioso.

Frankl (1948/2007) afirma que a consciência é um órgão de sentido que orienta o homem a buscar encontrar o mesmo em todas as situações. Contudo, Frankl (1948/2007) ressalta que a própria consciência pode se enganar.

A consciência também pode enganar a pessoa. Mais ainda: até o último instante, até o último suspiro a pessoa não sabe se ela realmente cumpriu o sentido de sua vida ou se ela apenas se enganou. (...) o fato de que nem no nosso leito de morte saberemos se o órgão de sentido, nossa consciência, em última análise não foi vítima de uma ilusão de sentido também implica que uma pessoa não sabe se não é a consciência do outro que tinha razão. Isso não quer dizer que não exista verdade. Somente pode haver uma



verdade; mas ninguém pode saber se é ele e não o outro que a possui (pp. 85-6)

A partir de Frankl (1948/2007), pode-se afirmar que é sobre esse sentido real, apreensível e calcado na vida presente a que podemos ter acesso. O sentido amplo, aquele que diz de toda uma vida, não se pode acessar imediato, mas a partir da apreensão desse sentido colocado em cada situação é que se abre terreno para o acesso a esse sentido maior. Não se pode negar esse sentido amplo.

Ao iniciarmos nossa discussão sobre o sentido na acepção da Logoterapia, já mencionamos que o sentido se refere ao sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa igualmente concreta é confrontada. Além disso, existe logicamente um sentido último, mais amplo. Porém, quanto mais amplo for o sentido, menos compreensível será. Trata-se do sentido do todo, do sentido da vida como um todo. E acredito não ser digno de um Psiquiatra, ou de qualquer cientista, negar de antemão a simples possibilidade de um tal sentido universal com base em pressupostos apriorísticos ou doutrinações ideológicas (Frankl, 1948/2007, p. 104).

IV.III. Considerações finais

Ao final deste trabalho, cabe ressaltar que o mesmo é uma tentativa de lançar um olhar compreensivo sobre temáticas emergentes na sociedade. Dada a complexidade dos mesmos, tornam-se necessários maiores aprofundamentos.

Cabe ressaltar que o mesmo revela um olhar diferente sobre a figura do morador de rua. O senso comum e o preconceito que muitas vezes impera sobre esse grupo populacional ao qual se denominou população de rua, nega muitas vezes o que iguala o morador de rua a qualquer outro cidadão, a humanidade. Por humanidade podemos entender, em Frankl (1948/2007), a capacidade de dotar a existência de sentido. Ao ouvir um morador de rua o que pudemos notar foi que o mesmo possui uma história de vida e, a condição de morar nas ruas, faz com que viva a pergunta pelo sentido de uma maneira intensa.

Vivendo em condições tão antagônicas, nota-se que o risco de morte iminente e a precariedade dos recursos em que convive o morador de rua, faz com que a busca de sentido se faça presente. Se o sentido ainda não foi encontrado, há uma pergunta que não cessa de ser feita. O sentido pode ser encarado como algo que favorece a vida e a continuidade desta vida, ainda que tantas coisas ajam em movimento contrário.

Pode-se mostrar também que a religiosidade e, para além dela, a espiritualidade, aparecem como fonte de sentido e devem ser levadas em conta como um componente importante da subjetividade destas pessoas. Cabe aos profissionais que trabalham com este público não negar essas características, pois, podem as mesmas interferir de maneira positiva na saída das ruas e na superação dessa condição de vulnerabilidade.

Referências

Amatuzzi, M. M. (1999). Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. Em M. Massimi & M. Mahfoud (Orgs.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso* (pp. 123-140). São Paulo: Loyola.



- Amatuzzi, M. M. (2001). Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. Em G. J. Paiva (Org.). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião* (pp. 25-51). São Paulo.
- Araújo, C. H. (2000) Migrações e vida nas ruas. Em M. Bursztyn (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores* (pp. 88-120). Rio de Janeiro: Garamond.
- Critelli, D. M. (2002, 10 de outubro). Pensar a vida, saltar o abismo. *Folha de São Paulo*, Folha e equilíbrio, 4.
- Escorel, S. (2000). Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. Em M. Bursztyn (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores* (pp. 139-171). Rio de Janeiro: Garamond.
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vetor.
- Forguieri, Y. C. (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Frankl, V. E. (2007). *A presença ignorada de Deus* (10ª ed.). (W. O. Schlupp & H. H. Reinhold, Trads.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1948).
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (25ª ed.). (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trads.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1946).
- Giussani, L. (2009). *O senso religioso* (P. A. E. Oliveira, Trad.). Brasília: Universa. (Original publicado em 1986).
- Mahfoud, M & Coelho Júnior, A. G. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 12 (2), 95-103. Retirado em 01/04/2010, da World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-65642001000200006&script=sci_arttext
- Massimi, M. & Mahfoud, M (1999). Senso religioso: dinamismo da experiência, desafio para a Psicologia. Em M. Massimi & M. Mahfoud (Orgs.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso* (pp. 11-14). São Paulo: Loyola.
- Ministério do desenvolvimento social e combate à fome (2006). *2º Censo da população em situação de rua e análise qualitativa da situação dessa população em Belo Horizonte: meta 10 - Realização de ações de atendimento sócio-assistencial, de inclusão produtiva e capacitação para população de rua*. Belo Horizonte: Autor.
- Vieira, M. A. C., Bezerra, E. M. R. & Rosa, C. M. M. (Orgs.). (1994). *População de rua: quem é, como vive, como é vista* (2ª ed.). São Paulo: Hucitec. (Original publicado em 1992).
- Yalom, I. D. (1984). *Psicoterapia Existencial* (Diorki, Trad.). Barcelona, Espanha: Herder. (Original publicado em 1980).



Nota

(1) Artigo escrito a partir da dissertação de mestrado "A religiosidade de moradores de rua da cidade Belo Horizonte: uma via de subjetivação" defendida pelo mestrando Aluizio G. de C. Guimarães sob a supervisão da Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira.

Nota sobre os autores

Aluizio Geraldo de Carvalho Guimarães – Psicólogo, pós-graduado em Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial pela FEAD Minas, Mestre em Psicologia pela PUC Minas, Coordenador do Centro de Referência da População de Rua de Belo Horizonte. E-mail: aluiziopsi@yahoo.com.br

Jacqueline de Oliveira Moreira – Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP, Mestre em Filosofia pela UFMG, Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia na PUC/MG (M/D), Psicóloga Clínica. E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br

Data de recebimento: 12/01/2011
Data de aceite: 22/05/2011